



A IDENTIDADE E O COTIDIANO LOCAL : ESTUDO DO BAIRRO E SEUS ATORES SOCIAIS¹

Giane Lucia Rodrigues dos Santos², Ivo Canabarro³

O ato de habitar, morar está vinculado ao homem desde seu surgimento, ele não vive sem ocupar lugar no espaço, isto é condição inata a ele, porém as características desse ato mudam de acordo com cada contexto social, econômico e político. Analisar este espaço urbano coletivo como as cidades, os bairros e as ruas revelam personagens que transitam e desenvolvem junto com esses espaços. Partimos da história cultural do urbano, do estudo da cidade, e no caso específico do bairro, a partir de suas representações, ou mesmo de análise sendo o lugar “onde as coisas acontecem”. A Sociedade é composta de muitos componentes dos quais partiremos de um específico que chamaremos de Atores Sociais que servirá de ponto de partida para a colocação desse pensamento, e obra de análise. A esses Atores Sociais cabe a representação de seu meio social, sendo que “representação” é um conceito-chave da teoria do simbólico, uma vez que o objeto ausente é re-apresentado à consciência por intermédio de uma “imagem” ou símbolo, isto é, algo pertencente. Mas esta representação não permanece estática, alocada em um espaço. Ela é dinâmica, se desloca entre outras representações mantendo uma rede social com intersecções, ou seja, as representações podem transitar entre si e se mesclar umas entre as outras. Podem partir dos movimentos, passar pelas organizações, grupos comunidades, se distinguir entre classes, sindicatos, associações e manter ou mesmo organizar-se com muitas identidades. A exemplo: sendo operária pode-se participar de sindicatos, associações; mulher, compor-se de gênero; sendo negra, estar ligada a movimento social; e no ato de habitar, um espaço de inclusão ou exclusão ser membro do cotidiano local, sem nesse processo ser destituída de algumas dessas organizações, porque elas são cumulativas e o ator social é pertencente a todas elas no trânsito das identidades. A identidade é construída a partir das relações humanas, do seu interacionismo. Ao conceituar identidade observamos que Stuart Hall apresenta três concepções bastante distintas, a) sujeito do Iluminismo, b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno, onde elegemos a concepção do sujeito sociológico por centralizar nosso pensamento. A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. (...) preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. (...) Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. Compor essa postura enquanto identidade implica admitir que a representação do mundo é, ela também, parte constituinte da realidade, podendo assumir uma força maior para a existência que o real concreto. A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Estaríamos, pois, imersos num “mundo que se parece”, mais real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente atual, particularmente se dirigida ao objeto “cidade”, a rua ou mesmo o bairro. Dado a esses sujeitos, atores sociais, o público torna-se o espaço da representação da sua identidade, ou neste caso o Bairro é o centro dessa interação entre sujeito individual e o espaço coletivo. E nessa interação entre sujeito e o espaço o



Cotidiano se faz presente nas relações sociais desenvolvidas, sendo que "O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de nesta ou noutra condição, com a fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (...) O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível." E a vida cotidiana se organiza sob estes aspectos, os comportamentos o que nos torna visível no espaço social da rua e do bairro, nas relações humanas de cordialidade, de pertencimento ao local e nas necessidades e benefícios que estas relações podem oferecer. O Bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um "engajamento" social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição. A rua, as moradias ligadas no urbano das cidades distinguidas por territórios demarcados que denominamos Bairros tornam-se o reflexo do local, do espaço ocupado onde o mundo não existe para ele próprio, apenas o faz para os outros. São os lugares que revelam o mundo tornando historicizado e geografizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são particulares. A partir da delimitação desses traços conceituais propomos uma pesquisa histórica de fontes documentais e de memória coletiva do processo de moradias populares em nossa cidade (Cruz Alta – RS) usando o recorte territorial do Bairro (Núcleo Habitacional Santa Bárbara COHAB) e as décadas de 1980 e 1990 como suporte ao desenvolvimento do tema sabendo que o mesmo tem uma importante relevância para análises do processo de moradia popular nos centros urbanos no Brasil, visto que grande parcela da população em prática habita estes espaços coletivos e que compõe uma relação social ligada ao espaço das cidades. A partir de análises destas relações de moradias populares coletivas empregadas ao longo da história do país, pretende-se trabalhar aspectos que diferenciam este núcleo urbano de outras áreas da cidade e mesmo outras habitações populares no Brasil valendo-se de pesquisas do cotidiano e da memória coletiva como ponto de apoio à temática. Nessa pesquisa utilizamos os estudos de Michel de Certeau sobre a Invenção do Cotidiano em suas práticas de morar e habitar, artes de fazer; Michel Foucault na obra Microfísica do Poder nas práticas de pequenos poderes; e estudos de Imaginário da Cidade sobre estudos do meio urbano a partir da visão de Sandra Jatahi Pesamento; Porém também utilizaremos outras fontes bibliográficas necessárias à pesquisa a partir da coleta de dados. Partimos de 3 pontos observando o poder local para compor nossa pesquisa: 1. Analisar o projeto e o discurso político brasileiro nas décadas de 1970 1980 sob a implantação de moradias públicas enquanto programa social e o recrutamento de famílias nas condições exigidas pelo programa de financiamento do banco Caixa Federal. 2. Observar as relações de cotidiano, coletividade, violência, resistência, poder, exclusão e solidariedade empregada no Núcleo Habitacional Santa Bárbara (Cohab) a partir de relatos orais, reportagens de jornais e boletins de ocorrência (BO) efetuados pelas polícia civil e ou militar. 3. Analisar o processo de construção da identidade e memória coletiva, relação com o espaço urbano, o bairro e suas particularidades como componente histórico da formação e composição do município de Cruz Alta – RS.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano : morar, cozinhar. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso - Relato de Pesquisa

² Professora Ensino Fundamental e Médio nas redes Estadual e Municipal – Graduada no CURSO DE PLENA EM HISTÓRIA – UNICRUZ. Pós-Graduada em CIÊNCIAS SOCIAIS – UNIJUI.

³ Orientador - Professor/Pesquisador UNIJUI - Doutor em História Social Universidade Federal Fluminense.